

Organização Ampla: Almágama em
Educação, Ciência e Arte

II MUDANÇAS CLIMÁTICAS: arte, museus e educação

**ANAIS
DE RESUMOS**

**2024
Uberlândia - MG**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M943c Mudanças Climáticas: arte, museus e educação (2. : 2024 : Uberlândia, MG)
Anais de resumos do II Mudanças Climáticas: arte, museus e educação [recurso eletrônico] / organização Amplia: Amalgama em Educação, Ciência e Arte -- Uberlândia : AMPLIA, 2024.
12 p. : il.

Inclui bibliografia.

1. Mudanças climáticas. I. Título.

CDU: 551.583

Apresentação

Na segunda edição do evento Mudanças Climáticas: arte, museus e educação foram realizadas atividades artísticas/culturais e científicas que acionaram questionamentos transdisciplinares para repensarmos coletivamente os contextos formativos singulares e mais que humanos marcados pelo antropoceno. Na contemporaneidade, criação e ciência articulam pensamentos e cidadanias que podem romper com as fronteiras materiais e institucionais de modo que natureza, cultura e sociedade estejam em constante fruição pela experiência e pelo repertório de vida dos conviventes na Terra/terra. Em um contexto com tantas singularidades, é preciso criatividade para olhar para a Terra/terra e se conectar com o interno e como essa conexão impacta a natureza, o universo, e a nós que vivemos e experienciamos modos de ver, de criar e de viver o/no mundo diante das catástrofes, desvendando possíveis nas frestas e nas brechas entre fronteiras de diferentes áreas do conhecimento. Neste evento, buscamos compartilhar e ouvir as pesquisas em desenvolvimento, trabalhos científicos e feitura artísticas que acionam essas temáticas por meio de diferentes caminhos metodológicos, práticas e acontecimentos vividos em formato de apresentação.

Comissão Organizadora

Daniela Franco Carvalho

Maria Carolina Alves

Fabiana Cardoso Urzetta

Sarah de Assis Andrade

Jenyffer Stefany Pereira Martins

Sumário

Arte na cidade para refletir mudanças climáticas	5
<i>Isaque Xavier</i>	
Projeto Solo	6
<i>Angelo Esmanhotto; Daniel Chaves de Carvalho</i>	
A queda do céu e mudanças climáticas: criando outras formas de pensar a natureza a partir da cosmologia Yanomami	7
<i>Lucas Rodrigues Silva</i>	
Além da Visão – Mediações na experiência estética	8
<i>Marina Vargas Tomaz</i>	
Professor Polvo: um olhar para educações multiespécies	9
<i>Maria Carolina Alves</i>	
Memento mori (ou como preencher os vazios)	10
<i>Vinícius Abrahão de Oliveira</i>	
A música preta e seus diálogos entre ciência e arte	11
<i>Karina Rodrigues</i>	
Capa do Livro Educação em Museus	12
<i>Maria Carolina Alves; Sarah de Assis Andrade</i>	

Arte na cidade para refletir mudanças climáticas

¹ *Mestrando em Arquitetura e Urbanismo, PPGAU da FAUeD-UFU*
e-mail: isaquexavierart@gmail.com

Em 2014 em frente à Prefeitura de Copenhague para marcar a publicação do Quinto Relatório de Avaliação sobre Mudanças Climáticas da ONU pelo IPCC, 12 *icebargs* tragos da Groelândia foram expostos em praça pública em forma circular, aos poucos o gelo derretia até que restasse apenas ele em seu estado líquido. A instalação em questão, "Ice Watch" é uma proposta de intervenção urbana guiada pelo artista Olafur Eliasson, apresentada posteriormente na COP 21 de 2015 em Paris e na parte externa do Tate Morden de Londres em 2018. O artista acima é apenas uma pequena parte do grande grupo de artistas que buscam em suas poéticas discutir as mudanças climáticas e seus efeitos seja dentro ou fora dos museus. Apontando os holofotes para a arte urbana como forma de refletir e inspirar ações contra tais mudanças globais, proposições de artistas contemporâneos apesar de serem dotadas de grande valor simbólico e político, encarece de uma ampliação de estudos sobre suas proposições, pois apesar de escritos já existentes como os de Adilson Siqueira (2010 e 2021) é preciso dar continuidade à discussão das intersecções da arte e mudanças climáticas. O objetivo aqui é fazer uma convocatória para investigar as contribuições das intervenções urbanas para a conscientização pública sobre as mudanças climáticas e para a mobilização de ações concretas. Este estudo surge como desdobramento da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUeD-UFU que investiga as implicações da cidade tomada como laboratório de arte. Sobre esse percurso trago aqui, nota-se uma necessidade de mapeamento de artistas e ações que discutem mudanças climáticas pelas práticas artísticas, para dar voz e vez a essas ações potencialmente promovedoras de percepções e mudanças comportamentais e políticas em relação a mudanças climáticas.

Palavras-chave: Arte, mudanças climáticas, intervenções urbanas, Ice Watch

Financiamento: O autor do texto possui apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), à qual agradeço pela bolsa de mestrado para dedicação à pesquisa acadêmica.

Projeto Solo

Angelo Esmanhotto¹; Daniel Chaves de Carvalho²

Prefeitura Municipal de Uberlândia²
desenho.solar@gmail.com

<https://www.youtube.com/@SOLOprojeto>

Nós passamos a maior parte de nossas vidas pensando no passado e esperando o futuro. Ignoramos o presente. Ignoramos o presente que é onde tudo acontece. Ignoramos o presente que é onde nosso corpo físico está e onde deve estar também nossa atenção e consciência. É comum caminharmos, os nossos trajetos diários, de forma automática e inconsciente, e quando percebemos chegamos no destino sem ter vivido o caminho. Neste trabalho, enquanto a máquina fornece uma base sonora, o músico solista está presente e consciente da totalidade do universo no aqui e agora, para poder estar e fazer parte na música e na sua própria existência neste momento.

SOLO. Produção de Angelo Esmanhotto; Daniel Chaves de Carvalho. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2008. 1 DVD

Palavras-chave: solo; música experimental; videoarte;

Financiamento: Nokia Siemens Networks

A queda do céu e mudanças climáticas: criando outras formas de pensar a natureza a partir da cosmologia Yanomami

Lucas Rodrigues Silva

Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas (UFU), membro do grupo de pesquisa UIVO-Matilha de estudos e criação, arte e vida (UFU) e-mail: (silvalucasr22@gmail.com)

Essa comunicação busca explorar a crítica de Davi Kopenawa em "A Queda do Céu", desafiando a visão predominante de progresso baseada na exploração de recursos naturais. Entende-se que o "homem da mercadoria" vê a natureza como uma fonte de recursos a serem explorados, resultando em destruição ambiental e agravamento das mudanças climáticas. Em contrapartida, os Yanomami apresentam uma cosmologia, em que a terra e seus elementos são considerados seres vivos e interconectados. A floresta e os espíritos são partes essenciais de um equilíbrio cosmológico. Acreditamos que essa perspectiva vai de encontro à uma abordagem mais harmônica homem-natureza. Proponho que a leitura e a compreensão da cosmologia Yanomami pode ser um instrumento para pensar a superação da mentalidade do homem da mercadoria, mediante diálogos interculturais que possam criar pensamentos e modos de vida capazes de enfrentar a crise climática.

Palavras-chave: Cosmologia Yanomami, Mudanças Climáticas, Crise Ambiental.

Além da Visão – Mediações na experiência estética

Marina Vargas Tomaz¹

¹Doutoranda Programa da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU), mvargastomaz@gmail.com

Como ocorre, em um museu de arte, a experiência estética na falta da visão? Como uma abordagem somática do corpo pode contribuir numa perspectiva inclusiva e multissensorial? Este estudo propôs uma mediação multissensorial a partir da inclusão como equiparação de oportunidades e da acessibilidade como recurso potencializador da experiência de diferentes públicos. Trazer para a experiência o corpo em sua totalidade sensível, pode ser uma proposta artístico pedagógica potente para todos, videntes ou não, para que, tomados pela experiência estética encarnada, possam se impregnar e se apropriar do objeto museal. A pesquisa teve como base, as ações desenvolvidas na exposição que aconteceu em 2014, em Uberlândia – MG, intitulada “100 anos da Pinacoteca no MunA – encontro de acervos”. Foram escolhidas duas obras, duas esculturas em bronze de Auguste Rodin sendo “A musa de Whistler – estudo para monumento” e “Torso de um dos filhos de Ugolino”. E do acervo do MunA, uma escultura de Amílcar de Castro. Sem Título, em aço corten..E foram elaborados os seguintes dispositivos: Audioguia; toque das peças; informações em braile; maquetes táteis; mediação atenta e sensível; vendas; visitas guiadas. Para as ações, foram listadas e convidadas algumas instituições que atendem pessoas com diferentes idades e acuidade visual, o que contribuiu significativamente para a pesquisa, diversificando as possibilidades interativas com os artefatos. Além da visita, aconteceram momentos anteriores e posteriores de diálogo, contextualização e avaliação das ações. Além das instituições, contribuíram com a pesquisa, estudantes do curso de especialização em Educação Inclusiva da UFU, além do público espontâneo do museu.

Palavras-chave: Arte; Mediação; Acessibilidade; Museu

Professor Polvo: um olhar para educações multiespécies

Maria Carolina Alves¹

¹Universidade Federal de Uberlândia

Na perspectiva de Mikhail Bakhtin criações como Professor Polvo integram a cadeia dialógica, criativa e subjetiva dos sujeitos falantes, participativos, e integrantes da sociedade. Donna Haraway indissocia naturezas e culturas ao apresentar a dimensão dos seres mais que humanos como figuras fazedoras de sentido. No percurso tridimensional introspectivo, extrospectivo, retrospectivo e prospectivo da metodologia narrativa teço entendimentos com o documentário costurando palavras minhas com a de Craig, o narrador, e procurando por aquilo que se pode levar para a educação da narrativa e dos aprendizados dele e sua professora polvo. Polissemia e polifonia fazem interlocuções na radicalidade da palavra e da criação em compreensões outras, o novo a partir do conhecido e do repetido conscientemente numa cadeia de sentido infinita. “*Há algo para aprender aqui*”. “*Certo, eu confio em você, humano. E agora você pode entrar no meu mundo do polvo*”. “*Ela sonha? Se sim, com o que ela sonha?*”. “*Todo o ser dela está pensando, sentindo e explorando*”. Esses foram os questionamentos-cenas do documentário Professor Polvo que levaram a refletir uma educação balizada pelo interesse, olhar atento e negociação do que se pode aprender em comunicação com um animal não humano. Assume-se, portanto, o tempo, a confiança, o sonho e a experiência como termos fundantes que orientam a reflexão, inspirada no enredo, de maneira a reconhecer a totalidade dos sujeitos envolvidos, com confiança, esperança e experiência de corpo inteiro nos contextos educativos. Nesse sentido, a produção cinematográfica foi capaz de remodelar sentidos e compreensões, sendo propulsora de pensamento sobre aprender e ensinar (com) a natureza, o ambiente, o acontecimento e a comunicação singularizada que dê atenção ao tempo lento e particular de cada contexto, que estabeleça confiança de maneira responsável e verdadeira, que sonhe em desejo e criticidade e que experiencie com tentáculos percebedores de sensibilidade.

Palavras-chave: documentário; pesquisa narrativa; Mikhail Bakhtin; estudos multiespécies; mídia

Financiamento: Agradecimento à CAPES pela bolsa de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Uberlândia e ao Grupo de pesquisa amplia: amálgama em educação, ciência e arte (CNPq-UFU e FAPEMIG).

Memento mori (ou como preencher os vazios)

Vinícius Abrahão de Oliveira:

¹ *Universidade Federal de Uberlândia*
e-mail: viniciusadeo@gmail.com

https://youtu.be/jTZr1EBDQ9I?si=8_1twUj0gVP35HNj

Donna Haraway lembra que o corpo do que chamamos humano só é possível por também ser com toda uma rede intimamente ligada de organismos, seres e diversidades tantas, em formas e disposições singulares, simpoiéticas. Aparentemente inabitado, o modelo de plástico se toca e é tocado por esse todo. Sorri, arrepia e chora, ainda que o registro corte propositalmente a cabeça. O sentir está no corpo inaugurado. Morto-encantado, marionete com fio exposto é território do que se manipula, amontoa e brota, fazendo vida, ainda que na brevidade da cena.

Vídeo em stop motion
1'07''

Palavras-chave: corpo; stop motion; modelo didático; arte.

A música preta e seus diálogos entre ciência e arte

Karina Rodrigues

Universidade Federal de Uberlândia. karina.rsilvar@gmail.com

As obras de arte, em especial a música preta, nos apresentam o mundo em suas diversas formas de enxergá-lo; são construção de atmosfera que envolvem quem escuta e acaba por ouvir falar de diversos assuntos de forma simples, acessível; são mensagens que revelam e traduzem o que, para a periferia, geralmente é ilegível. Estamos presenciando a crise climática, em que os eventos climáticos extremos estão cada vez mais frequentes e ainda não há planejamentos suficientes para que se enfrente essa urgência. No Brasil, apesar da grande maioria da população acreditar que as mudanças climáticas estão em curso, a percepção sobre essa urgência é maior entre pessoas com maior escolaridade, e isso já nos revela muito sobre como o conhecimento acadêmico não atinge a periferia. Também no Brasil, o racismo ambiental é real e basta olhar ao redor para perceber que os mais afetados pela crise climática são as pessoas de cor, racializadas e, por isso, marginalizadas pela colonização. É das margens de onde a revolução parte e a potência artística da música preta pode nos abrir caminhos, em suas batidas ritmadas e na força de suas palavras que nos invade, corpo, alma e espírito que, através do resgate à sabedoria ancestral, preza o equilíbrio enquanto indivíduo e enquanto mais um ser vivo entre tantos outros organismos, coabitando um planeta vivo. É preciso muita ciência para dominar estratégias de sobrevivência dentro de uma sociedade fundada no racismo, e é isso que a música preta representa, arte de combate, mas também de amor, coletividade e intelectualidade. Milton Nascimento é a expressão de toda essa ciência e arte e além, e em sua composição "Que virá dessa escuridão?", do álbum Txai, de 1990, ele canta sobre querer "*saber mas sem matar, o que já existe em mim/ Ou assim, ou me deixe em paz*"; sobre querer estar por dentro da realidade mas sem que isso custe sua própria identidade, reconhecendo o valor que há em compartilhar o saber para poder bem viver. Música preta pra salvar.

Palavras-chave: música preta; ciência e arte.

Financiamento: CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Capa do Livro Educação em Museus

Maria Carolina Alves¹; Sarah de Assis Andrade¹

Página | 12 ¹Universidade Federal de Uberlândia;
e-mail: sarah.andrde@ufu.br



O processo de criação da capa do livro Educação em Museus foi repleto de tentativas inundadas por reflexões. Me questionei o tempo todo como eu poderia trazer a essência da educação museal em um desenho. Comecei pelo óbvio: uma pessoa olhando para um artefato. Entretanto, refleti que a educação em museus vai além do que se pode apenas olhar ou tocar, é algo que nos faz sentir e integrar o sentimento com o conhecimento. Uma visita a um museu é como uma dança ou música que é capaz de impulsionar ritmos diferentes no coração.

Ficha técnica da obra: Maria Carolina Alves e Sarah de Assis Andrade. *Capa do Livro Educação em Museus*, 2024. Giz pastel oleoso sobre folha, 210x148mm. Escritas digitalizadas.

Palavras-chave: museus; educação; livro.

Financiamento: FAPEMIG